

Sumário

<i>Prefácio</i>	11
1. Siga em frente	15
2. Compartilhando a fé	21
3. Da África para os Estados Unidos.....	29
4. Rejeição	37
5. Recomeço	51
6. O encontro	61
7. A questão do casamento	67
8. Em preto e branco	73
9. Apenas amigos	79
10. Traficantes de drogas e supremacistas brancos.....	83
11. Conflitos na terra natal.....	80
12. Amor perigoso.....	97
13. Fuga de Brazzaville.....	105
14. Rumo a Dolisie	113
15. A maternidade.....	121
16. Compreendendo o incompreensível	131
17. Confrontos com soldados.....	137
18. Planos de fuga	145

19. A vida como refugiados começa	151
20. Novamente em fuga	159
21. Mosquitos em Moubotsi	167
22. Sustentando o coração	173
23. O retorno de Zonzon	187
24. Vida e morte em Mossendjo	199
25. O mundo lá fora	207
26. Saindo da floresta	217
27. Esperança nas ruínas?	223
28. Amanhecer	233
29. Adeus ao Congo?	241
30. Assuntos internacionais	251
<i>Epílogo</i>	265

Prefácio

Médine

Preso às minhas costas, David, com um ano e quatro meses, cantava efusivamente, como se celebrasse a raivosa barragem de tiros e explosões próximos de nós. Quer estivesse gostando do barulho que agindo como se não o percebesse, era o único em nosso pequeno grupo de fugitivos capaz de fazer uma coisa ou outra.

Éramos os últimos a abandonar nossa vizinhança. Um parente empurrava meu pai deficiente, conhecido por todos como *Papa Jacques*, em um velho e frágil carrinho de mão verde. Embora para alguns fugitivos não parecesse haver escolha senão deixar para trás parentes idosos ou enfermos, jamais teríamos partido sem meu pai. Por isso havíamos ficado tanto tempo, mesmo depois que membros da milícia do sul, os soldados de nossa região, avisaram que todos os civis deveriam ir embora. Agora, Dolisie, nossa cidade no Congo ocidental, África Central, ficava para trás, ardendo em chamas.

Enquanto minha família e eu caminhávamos pela estrada de terra morro acima carregando com esforço a bagagem pesada sobre a cabeça, minha mente vagou para um tempo muito diferente, quando eu estava terminando meu doutorado no Ocidente. Foi lá

que encontrei Craig, meu amigo ocidental mais chegado. Nossa afeição um pelo outro não havia se traduzido em um romance bem-sucedido, mas continuávamos a ser amigos próximos. Com frequência, abríamos o coração um para o outro, como fariam um irmão e uma irmã chegados. Por isso, apesar do perigo de discutir a situação política de uma guerra civil, eu havia encontrado alguém que estava saindo do país e enviei uma carta para Craig um mês antes de a cidade ser destruída. Eu sabia que, se minha carta chegasse até Craig, ele não cessaria de orar enquanto não soubesse o que havia acontecido comigo.

O grito de minha mãe interrompeu meus pensamentos.

Thérèse, minha irmã mais velha, proferiu suas palavras com a voz ofegante.

— O que foi, *Mama* Jacques?

Minha mãe levou as mãos ao rosto.

— Em nossa pressa de fugir, esqueci os remédios de *Papa* Jacques. Deixei-os sobre a mesa.

Senti o estômago revirar enquanto ela falava. *Papa* Jacques não sobreviveria muito tempo sem seus remédios.

— Preciso voltar — disse *Mama* Jacques.

Thérèse balançou a cabeça de modo negativo.

— Não, não! É mais seguro eu voltar.

Meu coração deu um salto.

— Não. Eu volto. Com o bebê preso às costas, é menos provável que eu seja estuprada ou morta se me encontrarem sozinha.

Ficamos ali parados, como estátuas. O que fazer? Sabíamos que outros fugitivos que haviam retornado a suas cidades para buscar artigos esquecidos tinham sido mortos. E, no entanto, cada momento que nos demorávamos naquele lugar descampado nos colocava em perigo maior por causa dos atiradores.

Eu não conseguia imaginar como todos nós sobreviveríamos àquela situação. Nem fazia ideia do que os dias seguintes trariam.

Mas, antes de lhe contar tudo o que ocorreu em minha vida como fugitiva, Craig e eu desejamos relatar os acontecimentos que antecederam aquele dia. Craig contará mais da história dele antes de eu contar a maior parte da minha. No entanto, essa é a narrativa de duas pessoas em sua luta por apegar-se à crença de que o coração de Deus era maior que nossa dor. Duas pessoas desejosas de intimidade, porém separadas por continentes, culturas, normas governamentais e guerra. Mas duas pessoas que acreditavam que a fé, a esperança e o amor podem superar até mesmo os mais tremendos obstáculos.

Volte conosco até o início e deixe que lhe falemos desse amor impossível.

1

Siga em frente

Craig 

— Siga em frente — o homem de meia-idade vociferou em minha direção. Ele estava encurvado no banco do parque, no centro da cidade, a uns dez metros de mim. Era uma noite escura e silenciosa, exceto pela iluminação da rua e por nossas duas vozes.

— Tudo bem — respondi. — Mas, antes disso, quero lhe dizer que Jesus o ama.

Enquanto eu estudava teologia em Missouri, também trabalhava como voluntário na Victory Mission, um ministério cristão que servia refeições para moradores de rua. Everett e Esther Cook, plantadores de igreja aposentados e diretores da missão, sustentavam o ministério com recursos de sua aposentadoria. Em meu trabalho ali nas duas semanas anteriores, eu havia levado alguém a Cristo em cada semana. Aliás, em diferentes contextos nos quatro anos desde minha conversão, quarenta ou cinquenta pessoas tinham orado comigo, entregando a vida a Cristo.

Naquela noite, eu esperava poder compartilhar minha fé com alguém da mesma forma, embora o irmão Cook tivesse me avisado para não sair. Disse-me:

— Hoje à noite vai ser perigoso nas ruas.

O irmão e a irmã Cook raramente se equivocavam a respeito da direção de Deus, mas concluí que o perigo nas ruas não era novidade. Por vezes, moradores de rua com os quais trabalhávamos eram espancados ou mortos; em dois casos, os corpos só foram encontrados na manhã seguinte. Em minha juventude e inexperiência, não conseguia imaginar por que uma noite seria mais perigosa que qualquer outra.

— Não se preocupe comigo — declarei e passei pelo irmão Cook para sair. Eu deveria ter pensado melhor.

— Falei para você seguir em frente! — gritou o homem, saltando do banco com os punhos cerrados. Atirou-se sobre mim com tanta rapidez que mal tive tempo de perceber o que estava acontecendo.

Começou a socar meu rosto enquanto eu protestava, aturdido:

— Por que está me batendo? Eu não fiz nada contra o senhor.

Em última análise, os motivos dele eram menos importantes para mim que sua fúria. Continuei a me afastar, incapaz de escapar de seus chutes e golpes violentos.

Senti minha Bíblia, marcada com anotações e companheira constante, começar a escorregar de minha mão. Estava gasta, com várias páginas soltas. Percebi que, se ela caísse e eu me abaixasse para pegá-la, aquele homem tinha força para me derrubar e me chutar até eu morrer. Agarrei-me à Bíblia com todas as minhas forças enquanto tentava proteger o rosto.

Eu havia sido espancado por dar meu testemunho em duas ocasiões anteriores em outra região do país e acabei no chão, com meu agressor arrancando meu cabelo e batendo minha cabeça na calçada repetidamente. Nos dois casos, pessoas que estavam por perto me socorreram. Dessa vez, porém, embora a rua fosse bem iluminada, parecia deserta.

Os instintos de sobrevivência foram mais fortes que a dor crescente em meu corpo, especialmente no rosto. Continuei a andar para trás, em direção a uma rua lateral. Quando cheguei a essa rua, virei-me e caminhei o mais rápido que as pernas doloridas permitiram. Senti-me envergonhado, como se fosse um covarde; embora não estivesse literalmente fugindo, estava colocando minha sobrevivência acima de meu testemunho. O homem enraivecido não foi atrás de mim.

— Se aparecer aqui novamente, eu te mato! — gritou ele.

Antes de voltar à missão, parei em frente a uma vitrine, perto de um poste de luz. Limpei o sangue do rosto, na esperança de não chamar a atenção quando entrasse na missão. Quando cheguei, porém, o irmão Cook estava parado junto à porta.

— Noite perigosa nas ruas, não é mesmo? — disse ele.

— Está tudo bem — respondi, passando por ele rapidamente.

No dia seguinte, acordei com os dois olhos roxos, mas nunca contei para ele o que havia acontecido na noite anterior.

Um ateu tem um encontro com Deus

Nem sempre fui zeloso de minha fé. Não frequentei a igreja quando criança em minha cidadezinha em Ohio; aliás, aos nove anos eu já era ateu convicto. Minha família era intelectual; meu pai era um homem trabalhador e íntegro; minha mãe era criativa e incentivava todas as minhas atividades intelectuais na infância. Mas não falávamos muito sobre religião. Quando cristãos começavam a compartilhar sua fé comigo, embora eu fosse jovem, zombava deles ou usava o que sabia sobre ciências e filosofia para tentar mostrar as falhas de seus argumentos.

Por ironia, o que começou a levantar dúvidas a respeito de minhas convicções ateístas foi a leitura de Platão, quando eu tinha treze anos. Os argumentos dele não me pareceram especialmente atraentes, mas suas perguntas me fizeram pensar: “O que